

a companhia negra  
as crônicas da companhia negra  
glen cook

Tradução de Renato Carreira



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Este é para as pessoas da  
St. Louis Science Fiction Society.  
Amo-vos a todos.*

## Capítulo Um

# LEGADO



**O**S PRODÍGIOS E OS PORTENTOS EXISTEM EM NÚMERO SUFICIENTE, diz o Zarolho. Só podemos culpar-nos a nós mesmos por não os interpretarmos da melhor forma. A deficiência do Zarolho não prejudica de modo algum a profundidade assombrosa das suas palavras.

Um relâmpago num céu limpo fulminou a Colina Necropolitana. Um raio atingiu a placa de bronze que sela o túmulo dos forvalaka, obliterando metade do feitiço de contenção. Choveram pedras. As estátuas choraram. Sacerdotes de vários templos reportaram vítimas sacrificiais sem corações ou fígados. Uma vítima fugiu depois de as suas tripas terem sido expostas e não voltou a ser capturada. No Quartel da Encruzilhada, onde as Coortes Urbanas se alojavam, a imagem de Teux virou-se completamente ao contrário. Durante cinco noites consecutivas, dez abutres negros sobrevoaram em círculos o Bastião. Até que um deles expulsou a águia que vivia no topo da Torre do Papel.

Os astrólogos recusaram-se a fazer leituras, temendo pelas suas vidas. Um vidente louco vagueou pelas ruas proclamando que o fim do mundo estava iminente. No Bastião, não foi apenas a águia a partir. A hera nas muralhas exteriores mirrou e foi substituída por uma trepadeira que só com o sol mais intenso não parecia negra.

Mas isso acontece todos os anos. Os tolos conseguem transformar qualquer coisa num augúrio em retrospectiva.

A nossa preparação *devia* ter sido melhor. Tínhamos quatro feiticeiros modestamente capazes de prevenção contra amanhã predatórios...

mas nunca conseguiriam ser mais sofisticados do que divinações a partir de entranhas de carneiro.

Mesmo assim, os melhores áugures são aqueles que adivinham a partir dos portentos do passado. Eles compilam arquivos fenomenais.

Beryl ergue-se em perpétuo desequilíbrio, preparada para se despe-  
nhar de um precipício sobre o caos. A Rainha das Cidades Preciosas era  
velha e decadente e louca, repleta do fedor da degeneração e da podridão  
moral. Só um tolo se surpreenderia com qualquer coisa encontrada a ras-  
tejar pelas suas ruas noturnas.

ABRI CADA PORTADA, ANSIANDO POR UMA BRISA DO PORTO, MESMO  
com o cheiro a peixe podre. O ar não se movia o suficiente para abanar  
uma teia de aranha. Limpei a cara e esbocei um esgar ao meu primeiro  
paciente.

— Outra vez com chatos, Caracóis?

Sorriu debilmente. Tinha a cara pálida.

— É o meu estômago, Físico. — A sua calva parece um ovo de aves-  
truz polido. Daí o nome. Verifiquei o horário de vigias e a folha de servi-  
ço. Nada que pudesse querer evitar. — Estou mal, Físico. A sério.

— Hum. — Assumi a minha postura profissional, certo do que era. A  
sua pele estava coberta por um suor frio, apesar do calor. — Comeste fora  
da cantina recentemente, Caracóis? — Uma mosca pousou-lhe na cabeça,  
passeando-se como um conquistador. Ele não reparou.

— Sim. Três, quatro vezes.

— Hum. — Misturei um preparado medonho e leitoso. — Bebe isto.  
Até ao fim.

O primeiro gole contorceu-lhe a cara inteira.

— Ouve, Físico, eu...

O *cheiro* do preparado enojava-me.

— Bebe, amigo. Dois homens morreram antes de descobrir isso.  
Depois, o Espeta bebeu e safou-se. — Isso era sabido.

Bebeu.

— Dizes que é veneno? Os malditos Azuis envenenaram-me?

— Tem calma. Vais ficar bem. Sim. Parece-me que sim. — Precisei  
de abrir o Estrábico e o Bruce Bravio para saber a verdade. Era um  
veneno subtil. — Deita-te ali na enxerga para apanhares a brisa... se a

puta decidir soprar. E fica quieto. Deixa o preparado fazer o seu trabalho. — Instalei-o. — Diz-me o que comeste lá fora. — Peguei numa caneta e numa tabela presa numa prancheta. Fiz o mesmo com o Espeta e com o Bruce Bravio, antes de morrerem, e pedi ao sargento do pelotão do Estrábico que me relatasse os seus movimentos. Tinha a certeza de que o veneno viera de uma entre várias tabernas frequentadas pela guarnição do Bastião.

Com o Caracóis, consegui encontrar uma coincidência.

— Na muche! Apanhámos os canalhas.

— Quem? — Ele estava pronto para ajustar contas pessoalmente.

— Descansa. Vou ver o Capitão. — Bati-lhe com a mão no ombro e verifiquei a sala ao lado. O Caracóis era o único doente da manhã.

Segui pelo caminho mais longo, sobre a Muralha de Trejan, com vista sobre o Porto de Beryl. A meio do caminho, parei e olhei para norte, além do molhe, do farol e da ilha Fortaleza, vendo o mar dos Tormentos. Velas multicolores salpicavam a água suja cinzento-acastanhada enquanto veleiros costeiros avançavam pela teia de rotas que ligam as Cidades Preciosas. Por cima, o ar era parado, pesado e nebuloso. O horizonte ocultava-se. Mas, junto à água, o ar movia-se. Havia sempre uma brisa à volta da ilha, mesmo que evitasse a costa como se temesse a lepra. Mais perto, as gaivotas em voo circular estavam tão taciturnas e caprichosas como o dia prometia tornar a maioria dos homens.

Mais um verão ao serviço do Síndico de Beryl, transpirados e sujos, escudando-o sem gratidão dos seus rivais políticos e das suas tropas nativas indisciplinadas. Mais um verão a esfalfarmo-nos pela recompensa do Caracóis. O pagamento era bom, mas não em moeda da alma. Os nossos predecessores envergonhar-se-iam se nos vissem tão diminuídos.

Beryl é miséria coagulada, mas é também antiga e intrigante. A sua história é um poço sem fundo cheio de água turva. Divirto-me a mergulhar nas suas profundezas sombrias, tentando separar factos de ficção, lenda e mito. Não é tarefa fácil, pois os historiadores passados da cidade escreviam para agradar aos poderes do seu tempo.

Para mim, o período mais interessante é o reino antigo, que está, pelo menos, satisfatoriamente documentado. Foi então, no reinado de Niam, que os forvalaka vieram, foram vencidos após uma década de terror e foram confinados ao seu túmulo escuro no alto da Colina Necropolitana. Ecos desse

terror perduraram no folclore e nas advertências das matronas a crianças insubordinadas. Hoje, já ninguém recorda o que os forvalaka eram.

Recomecei a andar, desesperando por não conseguir antecipar-me ao calor. As sentinelas, nas suas guaritas ensombradas, enrolavam toalhas ao pescoço.

Uma brisa sobressaltou-me. Voltei-me para o porto. Um navio contornava a ilha, uma besta grande e pesada que se agigantava perante os veleiros e as faluas. Um crânio de prata ornava o centro da sua vela negra enfunada. Os olhos vermelhos desse crânio brilhavam. Chamas cintilavam atrás dos seus dentes partidos. Um aro de prata brilhante envolvia o crânio.

— Que raio é aquilo? — perguntou uma sentinela.

— Não sei, Branquinho. — O tamanho do navio impressionou-me mais do que a sua vela vistosa. Os quatro feiticeiros menores que tínhamos na Companhia conseguiriam igualar aquele artifício, mas nunca tinha visto uma galé com cinco fileiras de remos.

Recordei a minha missão.

Bati à porta do Capitão. Não respondeu. Fiz-me convidado a entrar e encontrei-o a rressonar na sua grande cadeira de madeira.

— Ei! — gritei. — Fogo! Motins no Gemido! Bailarino na Porta da Aurora! — O Bailarino era um general de antigamente que quase tinha destruído Beryl. O seu nome ainda fazia tremer as pessoas.

O Capitão manteve a calma. Não abriu uma pálpebra nem sorriu.

— És impertinente, Físico. Quando vais aprender a respeitar a hierarquia? — Respeitar a hierarquia significava importunar o Tenente em primeiro lugar. Não lhe interromper a sesta a não ser que os Azuis investissem contra o Bastião.

Expliquei sobre o Caracóis e a minha tabela.

Ele tirou os pés de cima da mesa.

— Parece-me trabalho para o Misericórdia. — Havia uma dureza na sua voz. A Companhia Negra não tolera ataques maliciosos contra os seus homens.

O MISERICÓRDIA ERA O MAIS CRUEL DOS NOSSOS LÍDERES DE PELO-tão. Pensou que uma dúzia de homens chegaria, mas permitiu que os acompanhasse juntamente com o Silencioso. Poderia remendar os

feridos. O Silencioso atrasou-nos meio dia enquanto fazia uma visita rápida à floresta.

— Que raio preparas tu? — perguntei quando regressou, trazendo um saco de aspeto miserável.

Limitou-se a sorrir. Silencioso é e Silencioso fica.

O sítio chamava-se Taberna da Toupeira. Era confortável que chegasse. Ali passei muitas noites. O Misericórdia pôs três homens a guardar a porta dos fundos e um par em cada uma das duas janelas. Enviou outros dois para o telhado. Todos os edifícios em Beryl tinham um alçapão para o telhado. As pessoas dormiam aí durante o verão.

Levou o resto de nós pela porta principal da Toupeira.

O Misericórdia era um tipo baixo e emproado que apreciava gestos dramáticos. A sua entrada deveria ter sido precedida por fanfarras.

A clientela estacou, olhando fixamente os nossos escudos, lâminas nuas e os vislumbres de caras severas visíveis a custo pelas frestas nas nossas viseiras.

— Verus! — gritou o Misericórdia. — Mostra-te!

O avô da família gerente surgiu. Aproximou-se de nós como um raifeiro esperando um pontapé. Começou um burburinho entre os clientes.

— Silêncio! — trovejou o Misericórdia. Conseguia arrancar um rugido e tanto a um corpo tão pequeno.

— Como podemos servir-vos, honrados senhores? — perguntou o velho.

— Podes trazer para aqui os teus filhos e netos, Azul.

Cadeiras chiaram. Um soldado bateu com a lâmina sobre o tampo de uma mesa.

— Sosseguem — disse o Misericórdia. — Estão só a almoçar, muito bem. Ficarão livres dentro de uma hora.

O velho começou a tremer.

— Não compreendo, senhor. Que fizemos nós?

O sorriso do Misericórdia era cruel.

— Este finge-se bem de inocente. Homicídio, Verus. Duas acusações de homicídio por envenenamento. Duas de homicídio tentado por envenenamento. Os magistrados decretaram a pena dos escravos. — Divertia-se.

O Misericórdia não era uma das minhas pessoas preferidas. Nunca deixou de ser o rapaz que arrancava asas às moscas.

A pena dos escravos significava ser deixado para as aves necrófagas depois de crucificação pública. Em Beryl, só os criminosos eram sepultados sem cremação ou nem sequer eram sepultados.

Ouviu-se um alarido na cozinha. Alguém tentava sair pela porta dos fundos. Os nossos homens opunham-se.

A taberna irrompeu numa explosão de humanidade brandindo adagas.

Forçaram-nos a recuar até à porta. Os que não eram culpados temiam, obviamente, ser condenados com os que eram. A justiça de Beryl era rápida, rude e severa e raramente permitia a um réu a oportunidade de limpar o seu nome.

Uma adaga conseguiu passar por um escudo. Um dos nossos homens caiu. Não sou grande combatente, mas coloquei-me no seu lugar. O Misericórdia disse qualquer coisa trocista que não percebi.

— Lá se vai a tua oportunidade de entrares no paraíso — contrapus. — Ficas fora dos Anais para sempre.

— Merda. Não deixas nada de fora.

Uma dúzia de cidadãos caiu. O sangue formou uma poça nas depressões do chão. Espectadores aglomeraram-se no exterior. Em breve, algum aventureiro atacar-nos-ia pelas costas.

Uma adaga arranhou o Misericórdia. Ele perdeu a paciência.

— Silencioso!

O Silencioso já começara, mas era o Silencioso. Isso significava que não havia som e muito menos brilharete e fúria.

Os clientes da Toupeira começaram a esbofetear as próprias caras e a agitar as mãos no ar, esquecendo-nos. Saltavam e dançavam, levando as mãos às costas e aos traseiros, com guinchos e uivos que davam dó. Vários caíram ao chão.

— Que raio fizeste? — perguntei.

O Silencioso sorriu, mostrando dentes afiados. Passou uma mão sombria diante dos meus olhos. Vi a Toupeira de uma perspetiva ligeiramente alterada.

O saco que trouxera de fora da cidade revelou ser um daqueles vespeiros que alguém azarado poderá encontrar na floresta a sul de Beryl. Os seus ocupantes eram os monstros semelhantes a abelhões a que os camponeses chamam vespas-calvas. Têm um temperamento maligno sem comparação na natureza. Semearam rapidamente o



pânico entre a clientela da Toupeira, sem incomodarem os nossos rapazes.

— Belo trabalho, Silencioso — disse o Misericórdia, depois de ter descarregado a fúria em vários clientes azarados. Empurrou os sobreviventes para a rua.

Examinei o nosso irmão ferido enquanto um soldado incólume acabava com os feridos do outro lado. O Misericórdia chamava a isso poupar ao Síndico o preço de um julgamento e de um carrasco. O Silencioso olhava, continuando a sorrir. Também não é boa rês, mesmo que raramente se envolva diretamente.

O NÚMERO DE PRISIONEIROIS FOI SUPERIOR AO ESPERADO.

— Uma chusma deles. — Os olhos do Misericórdia cintilavam. — Obrigado, Silencioso. — Os prisioneiros alinhados alongavam-se por um quarteirão inteiro.

O destino é uma pega inconstante. Conduziu-nos à Taberna da Toupeira num momento crítico. Remexendo por lá, o nosso bruxo encontrou um prémio, uma multidão enfiada num esconderijo por baixo da adega. Entre eles, contavam-se alguns dos Azuis mais conhecidos.

O Misericórdia não tinha tento na língua, questionando-se em voz alta sobre o valor da recompensa que o nosso informador merecia. Não existia nenhum informador. O palavreado destinava-se a evitar que os nossos feiticeiros de estimação se tornassem alvos primordiais. Os nossos inimigos ocupar-se-iam a procurar espíões-fantasma.

— Façam-nos avançar — ordenou o Misericórdia. Continuando a sorrir, olhou a multidão de cabeça baixa. — Acham que tentarão alguma coisa? — Não tentaram. A sua confiança suprema reprimia quem tivesse ideias.

Serpenteámos por ruas labirínticas quase tão velhas como o mundo, com os nossos prisioneiros arrastando indolentemente os pés. Abri a boca de espanto. Os meus companheiros são indiferentes ao passado, mas não consigo evitar sentir-me assombrado (e ocasionalmente intimidado) pela antiguidade da história de Beryl.

O Misericórdia ordenou uma paragem inesperada. Tínhamos chegado à Avenida dos Síndicos, que desce da Alfândega, na cidade alta, até à porta principal do Bastião. Passava um cortejo pela avenida. Mesmo

tendo chegado em primeiro lugar à interseção, o Misericórdia cedeu-lhes a passagem.

O cortejo era composto por uma centena de homens armados. Pareciam mais duros do que qualquer outro homem em Beryl além de nós. À cabeça, seguia uma figura sombria sobre o maior garanhão que alguma vez vira. O cavaleiro era baixo, com uma magreza feminina e coberto com couro negro gasto. Trazia um morrião negro que lhe escondia totalmente a cabeça. Luvas negras escondiam-lhe as mãos. Parecia desarmado.

— Demónios me carreguem — sussurrou o Misericórdia.

Senti-me incomodado. Aquele cavaleiro arrepiava-me. Algo primitivo no meu âmago queria fugir, mas a curiosidade atormentava-me mais. Quem era ele? Teria saído daquele navio estranho no porto? Porque estava ali?

O olhar negro do cavaleiro moveu-se sobre nós com indiferença, como se olhasse um mero rebanho de ovelhas. Depois, a cabeça recuou de modo mais brusco, fixando-se no Silencioso.

O Silencioso retribuiu o olhar fixo sem demonstrar medo. Porém, apesar disso, parecia diminuído, de alguma forma.

A coluna passou, dura, disciplinada. Abalado, o Misericórdia pôs novamente a nossa multidão em marcha. Entrámos no Bastião meros metros atrás dos desconhecidos.

TÍNHAMOS PRENDIDO A MAIOR PARTE DA LIDERANÇA AZUL MAIS CONSERVADORA. Quando a notícia da rusga se espalhou, os mais voláteis decidiram fletir os músculos. Puseram em marcha algo colossal.

O clima perpetuamente massacrante produz efeitos na razão dos homens. A turba de Beryl é selvagem. Ocorrem motins quase sem provocação. Nos piores momentos, os mortos são aos milhares. Este foi um dos piores momentos.

O exército é parte do problema. Uma sucessão de Síndicos fracos e de mandato breve deixaram a disciplina degradar-se. As tropas estão além de qualquer controlo. Contudo, no geral, agirão contra os amotinados. Veem a supressão de motins como uma licença para pilhar.

O pior aconteceu. Várias coortes do Quartel da Encruzilhada exigiram um donativo especial antes de obedecerem a uma diretiva para restaurar a ordem. O Síndico recusou-se a pagar.

As coortes amotinaram-se.

O pelotão do Misericórdia foi apressadamente posicionado num ponto-chave perto da Porta do Lixo e rechaçou as três coortes. A maior parte dos nossos homens morreu, mas nenhum fugiu. O próprio Misericórdia perdeu um olho, um dedo, foi ferido num ombro e na anca e tinha mais de cem buracos no escudo quando chegou ajuda. Trouxeram-mo mais morto do que vivo.

No final, os amotinados dispersaram em vez de enfrentarem o resto da Companhia Negra.

Foram os piores motins de que havia memória. Perdemos quase cem irmãos, tentando suprimi-los. Mal podíamos suportar a perda de um único. No Gemido, as ruas ficaram cobertas com cadáveres. As ratazanas engordaram. Nuvens de abutres e corvos migraram dos campos.

O Capitão ordenou que a Companhia entrasse no Bastião.

— Que siga o seu curso — disse. — Fizemos que chegue. — A sua disposição azedara até à repulsa. — A nossa comissão não nos exige o suicídio.

Alguém fez um gracejo sobre cairmos sobre as nossas espadas.

— Parece ser isso o que o Síndico espera.

Beryl moeu-nos o moral, mas ninguém ficou tão abatido como o Capitão. Culpou-se pelas nossas perdas. Tentou mesmo demitir-se.

A TURBA CAIU NUM ESFORÇO TACITURNO, RANCOROSO E DESCONEXO para manter o caos, interferindo com quaisquer esforços para combater incêndios ou prevenir a pilhagem. Em todas as ocasiões restantes, limitava-se a vaguear. As coortes amotinadas, engordadas por desertores de outras unidades, sistematizavam o homicídio e o saque.

Na terceira noite, fiquei de vigia na Muralha de Trejan, sob as estrelas inclementes, um tolo voluntário para o serviço de sentinela. A cidade estava estranhamente silenciosa. Ter-me-ia sentido mais ansioso se não estivesse tão cansado. Mal conseguia manter-me acordado.

O Tambor procurou-me.

— Que fazes aqui, Físico?

— Substituo.

— Pareces um defunto empalhado. Descansa.

— Também não tens boa cara, baixote.

Encolheu os ombros.

— Como está o Misericórdia?

— Ainda não se safou. — A verdade era que as minhas esperanças a seu respeito eram poucas. Aponteí. — Sabes alguma coisa sobre aquilo? — Um grito isolado ecoou à distância. O seu timbre distinguia-o de outros gritos recentes. Esses tinham sido de dor, raiva e medo. Aquele sugeria algo mais sombrio.

Ele entaramelou as palavras daquela forma que partilha com o Zarolho, seu irmão. Se alguém não sabe, calculam que valerá a pena guardar segredo. Feiticeiros!

— Diz-se que os amotinados violaram os selos do túmulo dos forvalaka enquanto saqueavam a Colina Necropolitana.

— Hã? Aquelas coisas soltaram-se?

— O Síndico acredita que sim. O Capitão não o leva a sério.

Também não o fiz, mesmo que o Tambor parecesse preocupado.

— Pareciam duros. Os que aqui estiveram no outro dia.

— Deveríamos tê-los recrutado — disse ele, com uma pontada de tristeza. Está há muito tempo na Companhia, juntamente com o Zarolho. Testemunharam grande parte do seu declínio.

— Porque estiveram aqui?

Encolheu os ombros.

— Descansa, Físico. Não te mates. No fim, não fará diferença nenhuma. — Afastou-se, perdido no emaranhado dos seus pensamentos.

Arqueei uma sobranceira. Parecia *muito* abatido. Virei-me outra vez para as chamas, para as luzes e para a perturbadora ausência de alarido. Os meus olhos não paravam de perder o foco, turvando-me a visão. O Tambor estava certo. Eu precisava de dormir.

Da escuridão ergueu-se outro daqueles estranhos gritos desesperados. Aquele estava mais próximo.

— DE PÉ, FÍSICO. — O TENENTE NÃO FOI DELICADO. — O CAPITÃO QUER ver-te na messe dos oficiais.

Gemi. Praguejei. Ameacei caos do pior. O Tenente sorriu, beliscou-me um nervo no cotovelo e fez-me rebolar para o chão.

— Já estou de pé — resmunguei, procurando as botas. — Que se passa?

Tinha partido.

— O Misericórdia vai safar-se, Físico? — perguntou o Capitão.

— Não me parece, mas vi milagres maiores.

Todos os oficiais e os sargentos estavam presentes.

— Queres saber o que se passa — disse o Capitão. — O visitante do outro dia era um enviado de além-mar. Ofereceu uma aliança. Os recursos militares do Norte pelo apoio das frotas de Beryl. Pareceu-me razoável, mas o Síndico teima. Ainda está melindrado pela conquista de Opala. Sugeri que fosse mais flexível. Se estes nortenhos são vilões, a opção da aliança poderá ser o menor dos males. Antes aliado que vassalo. O nosso problema é este: qual será a nossa posição se o legado insistir?

O Rebuçado disse:

— Devemos recusar se nos ordenar que enfrentemos estes nortenhos?

— Talvez. Enfrentar um feiticeiro poderá ser a nossa destruição.

*Bam!* A porta da messe foi aberta de rompante. Um homem baixo, moreno e magro irrompeu por ela, precedido por um grande nariz adunco. O Capitão baixou a cabeça e bateu com os tacões.

— Síndico.

O nosso visitante bateu com os dois punhos na mesa.

— Ordenaste aos teus homens que se retirassem para o Bastião. Não vos pago para se esconderem como cães açoitados.

— Também não nos pagas para nos martirizarmos — respondeu o Capitão no seu tom de quem argumentava com tolos. — Somos guarda-costas e não polícias. Manter a ordem é função das Coortes Urbanas.

O Síndico estava cansado, abalado, assustado, prestes a perder o que sobrava da sua compostura emocional. Como todos.

— Sê razoável — sugeriu o Capitão. — Beryl está além de qualquer controlo. O caos domina as ruas. Qualquer esforço para restabelecer a ordem está condenado. A cura passou a ser a doença.

Aquilo agradou-me. Eu começara a odiar Beryl.

O Síndico encolheu-se.

— Há também os forvalaka. E aquele abutre do Norte, esperando ao largo da ilha.

O Tambor despertou de um torpor.

— Ao largo da ilha, dizes?

— Esperando que suplique.

## A COMPANHIA NEGRA

— Interessante. — O pequeno feiticeiro voltou a deixar-se afundar na sonolência.

O Capitão e o Síndico discutiram os termos da nossa comissão. Apresentei a nossa cópia do acordo. O Síndico tentou esticar as cláusulas com «sim, mas». Claramente, queria guerra se o legado comesse a aplicar o seu peso considerável para pressionar.

O Elmo começou a rressonar. O Capitão dispensou-nos e retomou a discussão com o nosso empregador.

SUPONHO QUE SETE HORAS CONTARÃO COMO UMA NOITE DE SONO. Não estranguiei o Tambor quando me acordou, mas resmunguei e resisti até ameaçar transformar-me num asno zurrando na Porta da Aurora. Só então, depois de me vestir e de nos juntarmos a uma dúzia de outros, percebi que não fazia ideia do que acontecia.

— Vamos espreitar o túmulo — disse o Tambor.

— Hã? — Em algumas manhãs, não sou nada perspicaz.

— Vamos à Colina Necropolitana para ver o túmulo dos forvalaka.

— Espera lá...

— Medroso? Sempre achei que fosses, Físico.

— De que falas tu?

— Não te preocupes. Terás três feiticeiros magníficos contigo, ocupados unicamente com a defesa do teu couro. O Zanolho também viria, mas o Capitão quer tê-lo por perto.

— O que quero saber é porquê.

— Para descobrir se os vampiros são reais. Podem ser um ardil daquele navio embruxado.

— Belo truque. Talvez devêssemos pensar melhor no assunto. — A ameaça dos forvalaka fizera o que nenhuma força conseguiu: acalmou os motins.

O Tambor acenou com a cabeça. Passou os dedos pelo pequeno tambor que lhe dava nome. Apurei o raciocínio. Registei o momento. É pior do que o irmão a admitir falhas.

A cidade estava silenciosa como um velho campo de batalha. Como um campo de batalha, enchia-se de fedor, moscas, necrófagos. E de mortos. O único som era o pisar das nossas botas e, numa ocasião, o uivo pesaroso de um cão triste vigiando o seu dono caído.

— O preço da ordem — murmurei. Tentei enxotar o cão. Não se mexeu.

— O custo do caos — contrapôs o Tambor. *Tum* no seu tambor. — Não é exatamente a mesma coisa, Físico.

A Colina Necropolitana é mais alta do que o monte sobre o qual se ergue o Bastião. Da Cerca Superior, onde se erguem os mausoléus dos abastados, conseguia ver o navio nortenho.

— Ali está à espera — disse o Tambor. — Como o Síndico disse.

— Porque não avançam? Quem conseguiria travá-los?

O Tambor encolheu os ombros. Mais ninguém deu a sua opinião.

Chegámos ao túmulo célebre. Parecia estar à altura do papel que desempenhava em rumores e lendas. Era muito, muito antigo, fora decididamente atingido por um relâmpago e apresentava marcas de ferramentas. Uma grossa porta de carvalho tinha sido estourada. Picaretas e fragmentos espalhavam-se num raio de doze metros em redor.

O Duende, o Tambor e o Silencioso começaram a pensar. Alguém fez uma piada sobre poderem ter um cérebro se juntassem os miolos que tinham. O Duende e o Silencioso flanquearam a porta a alguns passos de distância. O Tambor posicionou-se à sua frente. Arrastou os pés como um touro preparando uma investida, encontrou a posição mais favorável e agachou-se com os braços erguidos num gesto estranho, parecendo uma paródia de mestre de artes marciais.

— E se abrissem a porta, imbecis? — rosnou. — Idiotas. Tinha de trazer idiotas comigo. — *Tum-tum* no tambor. — Ficam para aqui com o dedo enfiado no nariz.

Dois de nós seguraram a porta arruinada e tentaram movê-la. Estava demasiado torcida para ceder muito. O Tambor bateu no seu tambor, emitiu um grito medonho e saltou para dentro. O Duende saltitou até à porta atrás dele. O Silencioso aproximou-se com passos rápidos.

No interior, o Tambor guinchou como uma ratazana e começou a espirrar. Cambaleou para fora com olhos lacrimejantes, pressionando o nariz com as mãos. Parecia ter uma constipação grave quando disse:

— Não foi um truque.

A sua pele cor de ébano ficou cinzenta.

— Que dizes? — perguntei.

Ele apontou o túmulo com um polegar. O Duende e o Silencioso tinham entrado. Começaram a espirrar.

Aproximei-me da porta e espreitei. Não conseguia ver nada. Só pó abundante iluminado pelo sol enquanto dançava perto de mim. A seguir, entrei. Os meus olhos ajustaram-se.

Havia ossos por toda a parte. Ossos em montes, ossos em pilhas, ossos meticulosamente separados por alguém louco. Eram ossos estranhos, semelhantes aos dos homens, mas de proporções estranhas para os meus olhos de médico. Teriam sido originalmente uns cinquenta cadáveres. Tinham-nos empilhado com esmero, no passado. Forvalaka, sem dúvida, porque Beryl enterra os seus vilões sem os cremar.

Havia também cadáveres recentes. Conteí sete soldados mortos antes de começar a espirrar. Vestiam as cores de uma coorte amotinada.

Arrastei um corpo para fora, soltei-o, cambaleei alguns passos e vomitei ruidosamente. Quando me recompus, virei-me para examinar o meu saque.

Os outros erguiam-se em redor com caras verdes.

— Não foi um fantasma que fez isto — disse o Duende. O Tambor acenou com a cabeça. Estava mais abalado do que qualquer um dos outros. Mais abalado do que a descoberta justificava, pensei.

O Silencioso deitou mãos à obra, invocando, de alguma forma, uma brisa ligeira que se infiltrou pela porta do mausoléu e voltou a sair, arrastando o pó e o cheiro a morte.

— Estás bem? — perguntei ao Tambor.

Olhou para o meu estojo médico e dispensou os meus cuidados com um aceno da mão.

— Já passa. Estava só a recordar.

Dei-lhe um minuto antes de questionar.

— A recordar?

— Éramos rapazes, o Zanolho e eu. Tinham-nos vendido a N'Gamo, para nos tornarmos seus aprendizes. Chegou um mensageiro de uma aldeia nas montanhas. — Ajoelhou-se ao lado do soldado morto. — Os ferimentos são parecidos.

Senti-me abalado. Nada humano matava assim, mas os danos pareciam deliberados, calculados, a obra de uma qualquer inteligência maligna. Isso tornava aquilo mais horrível.

Engoli em seco, ajoelhei-me e comecei o meu exame. O Silencioso e o Duende entraram no túmulo. O Duende tinha uma pequena bola de luz cor de âmbar aninhada nas mãos em concha.



— Não há sangue — referi.

— Leva o sangue — disse o Tambor. O Silencioso arrastou outro cadáver para fora. — E os órgãos quando tem tempo. — O segundo corpo fora aberto das virilhas às goelas. O coração e o fígado tinham desaparecido.

O Silencioso voltou a entrar. O Duende saiu. Sentou-se numa pedra tumular partida e abanou a cabeça.

— E então? — questionou o Tambor.

— São reais, sem dúvida. Não foi uma partida do nosso amigo. — Apontou. O nortenho continuava a sua patrulha entre um cardume de barcos de pesca e embarcações costeiras. — Havia cinquenta e quatro ali trancados. Comeram-se uns aos outros. Este foi o último que restou.

O Tambor deu um salto como se tivesse sido esbofeteado.

— Que se passa? — perguntei.

— Isso significa que a criatura era a mais ardilosa, cruel e tresloucada do bando.

— Vampiros — murmurei. — Nos nossos dias.

O Tambor disse:

— Não é necessariamente um vampiro. Estamos perante um homem-leopardo, que caminha sobre duas pernas durante o dia e sobre quatro à noite.

Ouvira falar de lobisomens e de homens-urso. Os camponeses à volta da minha cidade natal contavam tais histórias. Nunca ouvira falar de um homem-leopardo. Disse-o ao Tambor.

— O homem-leopardo é do Sul longínquo. Da selva. — Olhou para a selva. — Têm de ser enterrados vivos.

O Silencioso depositou outro cadáver.

Homens-leopardo que bebiam sangue e comiam fígados. Ancestrais, conhecedores da escuridão, preenchidos por um milénio de ódio e fome. Pesadelos, sem dúvida.

— Consegues lidar com isso?

— N'Gamo não conseguiu. Nunca serei seu igual e perdeu um braço e um pé enquanto tentava destruir um macho jovem. O que temos aqui é uma fêmea velha. Azeda, cruel e esperta. Talvez consigamos resistir-lhe, os quatro. Conquistá-la, não.

— Mas se tu e o Zanolho conhecem esta coisa...

## A COMPANHIA NEGRA

— Não. — Tremia. Apertou tanto o tambor que o fez estalar. — Não conseguimos.

O CAOS ESMORECEU. AS RUAS DE BERYL PERMANECERAM TÃO SINISTRAMENTE silenciosas como as de uma cidade conquistada. Até mesmo os amotinados se esconderam até a fome os empurrar para os silos da cidade.

O Síndico tentou pressionar o Capitão. O Capitão ignorou-o. O Silencioso, o Duende e o Zarolho tentaram localizar o monstro. A criatura agia puramente por instinto animal, saciando a fome de uma era. As fações cercaram o Síndico com exigências de proteção.

O Tenente voltou a convocar-nos para a messe dos oficiais. O Capitão não perdeu tempo.

— Homens, a nossa situação é grave. — Caminhou para trás e para diante. — Beryl exige um novo Síndico. Todas as fações pediram à Companhia Negra que se afastasse.

O dilema moral ascendeu a um novo patamar.

— Não somos heróis — continuou o Capitão. — Somos duros. Somos teimosos. Tentamos honrar os nossos compromissos. Mas não morremos por causas perdidas.

Protestei. Era a voz da tradição questionando o que ficou por dizer.

— A questão sobre a mesa é a sobrevivência da Companhia, Físico.

— Aceitámos o ouro, Capitão. A questão sobre a mesa é a honra. Durante quatro séculos, a Companhia Negra cumpriu à letra as suas comissões. Considera o Livro de Set, compilado pelo Analista Coral enquanto a Companhia estava ao serviço do Arconte de Osso, durante a Revolta dos Quiliarcas.

— Considera-o tu, Físico.

Irritei-me.

— Exerço o meu direito como soldado livre.

— Tem o direito de falar — concordou o Tenente. É mais tradicionalista do que eu.

— Muito bem. Que fale. Não precisamos de o ouvir.

Insisti na recordação dessa hora mais negra na história da Companhia... até perceber que discutia comigo mesmo. Metade de mim queria vender-se.

— Físico? Terminaste?

Engoli em seco.

— Encontra uma saída legítima e alinhó.

O Tambor acompanhou as minhas palavras com um tamborilar trocista. O Zarolho riu-se.

— Essa é a tarefa do Duende, Físico. Era advogado antes de subir na vida e passar a ser chulo.

O Duende mordeu o isco.

— *Eu* era advogado? Um advogado pegou na tua mãe e...

— Basta! — O Capitão bateu com a mão na mesa. — Temos a aprovação do Físico. Avança. Encontra uma saída.

Os outros pareceram aliviados. Incluindo o Tenente. Como Analista, a minha opinião tinha mais peso do que me agradava.

— A saída óbvia é o término do homem a quem devemos fidelidade — referi. Aquilo pairou no ar como um fedor velho. Como o fedor no túmulo dos forvalaka.

— Na nossa condição debilitada, quem nos culparia por deixarmos passar um assassino?

— As tuas mudanças de opinião são repelentes, Físico — disse o Tambor. Dedicou-me novo tamborilar.

— Diz o roto ao nu? Manteríamos a aparência de honra. *Falhamos*. Regularmente.

— Agrada-me — disse o Capitão. — Vamos suspender isto antes que o Síndico venha perguntar o que se passa. Tu ficas, Tambor. Tenho um trabalho para ti.

FOI UMA NOITE DE GRITOS. UMA NOITE TÓRRIDA E PEGAJOSA DO TIPO que consome a última barreira entre o homem civilizado e o monstro encolhido na sua alma. Os gritos ergueram-se de casas onde o medo, o calor e o excesso de gente forçaram demasiado as correntes do monstro.

Um vento fresco soprou do golfo, perseguido por enormes nuvens de tempestade com relâmpagos iluminando-lhe os contornos. O vento soprou para longe o fedor de Beryl. A chuva massacrou as ruas. Quando amanheceu, Beryl parecia uma cidade diferente, silenciosa, fresca e limpa.

As ruas estavam salpicadas com poças enquanto caminhávamos

até ao cais. A água da chuva ainda corria sonoramente pelas valetas. Ao meio-dia, o ar voltaria a ficar quente e mais húmido do que nunca.

O Tambor esperava-nos num barco que tinha alugado. Disse:

— Quanto meteste ao bolso neste negócio? Esta escuna parece capaz de se afundar antes de zarpar da ilha.

— Nem um cobre, Físico. — Parecia desiludido. Juntamente com o irmão, eram grandes ladrões e negociantes no mercado negro — Nem um cobre. É uma embarcação mais ágil do que parece. O seu mestre é contrabandista.

— Aceito a tua palavra. Talvez saibas do que falas. — Mesmo assim, pisei com cautela enquanto subia a bordo. Vi-o franzir a testa. Devíamos fingir que a avareza do Tambor e do Zarolho não existia.

Partimos para o mar para fazer um acordo. O Tambor tinha carta branca do Capitão. O Tenente e eu seguíamos também para lhe aplicar um pontapé rápido se se empolgasse demasiado. O Silencioso e meia dúzia de soldados acompanhavam-nos como demonstração de força.

Uma lancha alfandegária fez-nos sinal ao largo da ilha. Afastámo-nos antes que conseguisse pôr-se em marcha. Agachei-me, espreitando sob a retranca. O navio negro parecia cada vez maior.

— Aquela maldita coisa é uma ilha flutuante.

— Grande demais — rosou o Tenente. — Um navio daquele tamanho não conseguiria manter-se inteiro em mar bravo.

— Porque não? Como sabes? — Mesmo confuso, a minha curiosidade acerca dos meus irmãos não esmorecia.

— Naveguei como grumete na minha juventude. Aprendi como são os navios. — O seu tom de voz desencorajava novas perguntas. A maioria dos homens desejava manter os seus antecedentes privados. Como se esperaria numa companhia de vilões unida pelo seu presente e pelo passado de nós-contra-o-mundo.

— Não é demasiado grande para quem tenha o artifício taumatúrgico para o fortalecer — contrapôs o Tambor. Estava agitado, fazendo soar o tambor com ritmos aleatórios e nervosos. Tanto ele como o Zarolho odiavam a água.

Portanto... Um misterioso encantador nortenho. Um navio tão negro como o fundo do inferno. Os meus nervos começaram a dar de si.

A tripulação do navio desceu uma escada. O Tenente subiu. Parecia impressionado.

Não sou marinheiro, mas o navio parecia aprumado e disciplinado.

Um oficial subalterno avaliou com o olhar o Tambor, o Silencioso e a mim próprio e pediu-nos que o acompanhássemos. Conduziu-nos escadas abaixo e através de passagens até à popa, sem dizer nada.

O emissário do Norte sentava-se de pernas cruzadas sobre ricas almofadas, contra as janelas abertas do navio, numa cabina digna de um potentado oriental. Abri a boca de espanto. O Tambor ferveu com coíça. O emissário riu-se.

O riso foi um choque. Um arremedo de gargalhada agudo mais adequado a uma dama de taberna noturna com quinze anos do que a um homem mais poderoso que qualquer rei.

— Perdoem-me — disse, colocando delicadamente uma mão sobre o sítio onde ficaria a sua boca se não usasse aquele morrião preto. A seguir: — Sentem-se.

Arregalei involuntariamente os olhos. Cada frase era pronunciada numa voz distintamente diferente. Haveria um comité inteiro dentro daquele capacete?

O Tambor inspirava avidamente. O Silencioso, sendo Silencioso, apenas se sentou. Segui-lhe o exemplo e tentei não ser demasiado ofensivo com o meu olhar assustado e curioso.

O Tambor não foi o melhor diplomata naquele dia. Exclamou:

— O Síndico não durará muito mais. Queremos estabelecer um acordo...

O Silencioso espetou-lhe uma bota na coxa.

Murmurei:

— É este o nosso ousado príncipe de ladrões? O nosso homem com nervos de ferro?

O legado riu-se.

— És o médico? O Físico? Perdoa-o. Conhece-me.

Um medo muito frio envolveu-me nas suas asas escuras. O suor humedeceu-me as têmporas. Nada tinha que ver com o calor. Uma brisa marinha fresca entrava pelas janelas, uma brisa pela qual os homens de Beryl matariam.

— Não há motivo para me temerem. Fui enviado para oferecer uma aliança destinada a beneficiar tanto Beryl como a minha gente. Continuo convicto de que poderemos chegar a um acordo... mas não com o presente autocrata. O vosso problema terá a mesma solução

que o meu, mas a vossa comissão não vos permite grande margem de manobra.

— Sabe tudo. É inútil argumentar — gemeu o Tambor. Bateu no instrumento, mas o seu talismã não o ajudou. Engasgava-se.

O legado referiu:

— O Síndico não é invulnerável. Mesmo guardado por vós. — Um gato enorme comeu a língua do Tambor. O enviado olhou-me. Encolhi os ombros. — Suponhamos que o Síndico perecia enquanto a vossa companhia defendia o Bastião da turba...

— Ideal — disse-lhe. — Mas não leva em consideração a questão da nossa segurança posterior.

— Repelem a turba e descobrem o morto. Deixam de estar empregados e partem de Beryl.

— E para onde vamos? E como escapamos aos nossos inimigos? As Coortes Urbanas perseguir-nos-iam.

— Digam ao vosso Capitão que, após descoberta da morte do Síndico, se receber um pedido por escrito para mediar a sucessão, as minhas forças vos renderão no Bastião. Deixariam Beryl e acampariam no Pilar da Angústia.

O Pilar da Angústia é um cabo de cré perfurado com incontáveis pequenas cavernas. Projeta-se pelo mar adentro a um dia de marcha para leste de Beryl. Um farol/torre de vigia ergue-se aí. O nome deriva do gemido produzido pelo vento quando atravessa as cavernas.

— É uma maldita armadilha. Os malditos sodomitas limitar-se-iam a cercar-nos e a esperar que nos comêssemos uns aos outros.

— Seria uma simples questão de enviar discretamente barcos para vos retirar de lá.

*Ding-ding.* Um alarme soou dez centímetros atrás dos meus olhos. Este filho da puta jogava connosco.

— Por que raio farias tal coisa?

— A vossa companhia ficaria desempregada. Estaria disposto a pagar a vossa comissão. Há necessidade de bons soldados do Norte.

*Ding-ding.* A velha campainha continuava a soar. Queria contratar-nos? Para quê?

Algo me disse que aquele não era o momento para perguntar. Mudei os pés de sítio.

— E o forvalaka? — Uma guinada esperada.

— A criatura que saiu da cripta? — A voz do enviado era da mulher nos nossos sonhos, ronronando «vem». — Talvez tenha uso também para ela.

— Conseguirás controlá-la?

— Depois de cumprir o seu propósito.

Recordei o relâmpago que tinha obliterado um feitiço de contenção numa placa que resistira durante um milénio. Mantive as suspeitas longe da face, sem dúvida. Mas o emissário riu-se.

— Talvez, Físico. Ou talvez não. Um enigma interessante, não? Voltem para o vosso capitão. Decidam. Rapidamente. Os vossos inimigos estão prontos para avançar. — Fez um gesto que nos dispensou.

— ENTREGA A MALA! — ROSNOU O CAPITÃO AO REBUÇADO. — E VOLTA para aqui.

O Rebuçado pegou na mala de mensageiro e partiu.

— Mais alguém quer discutir? Tiveram a vossa oportunidade para se livrarem de mim, miseráveis. Desperdiçaram-na.

Os temperamentos estavam alvoroçados. O Capitão apresentou uma contraproposta ao legado e recebeu a sua oferta de apadrinhamento se o Síndico morresse. O Rebuçado levava a resposta do Capitão ao enviado.

O Tambor murmurou:

— Não sabes o que fazes. Não sabes com quem te alias.

— Esclarece-me. Não? Físico. Como estão as coisas lá fora? — Eu fora enviado como batedor à cidade.

— É peste, sem dúvida, mas diferente de qualquer outra que alguma vez tenha visto. O forvalaka será o vetor.

O Capitão olhou-me de soslaio.

— Palavreado de médico. Um vetor é um portador. A peste forma bolsas em torno dos seus mortos.

O Capitão rosnou.

— Tambor? Conheces esta besta.

— Nunca ouvi falar de um que espalhasse doenças. E todos os que entraram no túmulo continuam saudáveis.

Intrometi-me.

— O portador não importa. A peste, sim. Piorará se não começarem a queimar os corpos.

— Ainda não chegou ao Bastião — referiu o Capitão. — E teve um efeito positivo. Os homens da guarnição habitual pararam de desertar.

— Encontrei muito antagonismo no Gemido. Estão prestes a explodir outra vez.

— Quando?

— Dentro de dois dias? Três no exterior.

O Capitão mordeu o lábio. O espaço apertado apertava-se mais ainda.

— Precisamos de...

Um tribuno da guarnição entrou pela porta dentro.

— Há uma multidão diante da porta. Trazem um aríete.

— Vamos — disse o Capitão.

Precisámos apenas de minutos para os fazermos dispersar. Alguns projéteis e algumas panelas de água quente. Fugiram, alvejando-nos com pragas e insultos.

A noite caiu. Deixei-me ficar na muralha, vendo archotes distantes vagueando pela cidade. A multidão evoluía, desenvolvendo um sistema nervoso. Se desenvolvesse um cérebro, estaríamos cercados por uma revolução.

O movimento dos archotes acabou por diminuir. A explosão não ocorreria naquela noite. Talvez no dia seguinte, se o calor e a humidade se tornassem demasiado opressivos.

Mais tarde, ouvi algo arranhar à minha direita. Seguiram-se estalos. Algo a arrastar-se. Eram sons muito baixos, mas inegáveis. Aproximando-se. O terror preencheu-me. Fiquei tão imóvel como as gárgulas empoleiradas sobre a porta. A brisa tornou-se um vento ártico.

*Alguma coisa* subiu as ameias. Olhos vermelhos. Quatro patas. Negra como a noite. Uma pantera negra. Moveu-se com a fluidez de água descendo uma encosta. Desceu as escadas para o pátio com patas almofadadas e desapareceu.

O macaco ao fundo do meu cérebro quis trepar uma árvore alta, guinchando e arremessando excremento e fruta podre. Fugi em direção à porta mais próxima, segui por um caminho seguro até aos aposentos do Capitão e entrei sem bater.

Encontrei-o na sua enxerga, com as mãos atrás da cabeça, fitando o teto. O seu quarto era iluminado por uma única vela débil.

— O forvalaka está no Bastião. Vi-o passar a muralha. — A minha voz guinchava como a do Duende.



Ele grunhiu.

— Ouves-me?

— Ouvi, Físico. Vai-te. Deixa-me em paz.

— Sim, senhor. — Ou seja. Comê-lo-ia. Recuei para a porta...

O grito foi sonoro longo e desesperado e terminou abruptamente. Veio dos aposentos do Síndico. Desembainhei a espada, corri pela porta fora e choquei contra o Rebuçado. O Rebuçado caiu. Ergui-me sobre ele, questionando-me debilmente sobre o que o fazia regressar tão cedo.

— Entra, Físico — ordenou o Capitão. — Queres morrer? — Mais gritos dos aposentos do Síndico. A morte não era seletiva.

Puxei o Rebuçado para dentro. Trancámos a porta. Encostei-me a ela, fechando os olhos, arfando. Podia ter sido a minha imaginação, mas pareceu-me ouvir algo rosar enquanto passava do outro lado.

— E agora? — perguntou o Rebuçado. Estava pálido. As mãos tremiam-lhe.

O Capitão acabou de rabiscar uma carta. Passou-lha.

— Agora, voltas.

ALGUÉM BATEU COM FORÇA NA PORTA.

— Que foi? — ripostou o Capitão.

Uma voz abafada pela madeira respondeu. Disse:

— É o Zarolho.

— Abre.

Abri. O Zarolho, o Tambor, o Duende, o Silencioso e uma dúzia de outros entraram apressadamente. O quarto ficou quente e apinhado. O Tambor disse:

— O homem-leopardo está no Bastião, Capitão. — Esqueceu-se de sublinhar a frase com o tambor. Pendia-lhe ao lado da anca.

Outro grito dos aposentos do Síndico. A minha imaginação tinha-me *realmente* enganado.

— Que fazemos? — perguntou o Zarolho. Era um homenzinho negro e enrugado. Não era maior do que o seu irmão e costumava demonstrar um bizarro sentido de humor. Era um ano mais velho que o Tambor, mas, na sua idade, já ninguém contava anos. Ambos tinham passado a centena, se os Anais fossem credíveis. Estava aterrado. O Tambor estava

no limiar da histeria. Também o Duende e o Silencioso estavam abalados.

— Pode apanhar-nos um a um.

— Podemos matá-lo?

— São quase invencíveis, Capitão.

— Podemos matá-los? — O Capitão endureceu o tom de voz. Também estava assustado.

— Sim — admitiu o Zanolho. Parecia um pouco menos assustado do que o Tambor. — Nada é invulnerável. Nem aquela coisa no navio negro. Mas esta é forte, rápida e esperta. As armas de pouco servem. A feitiçaria é melhor, mas também não ajuda grande coisa. — Nunca antes o ouvira admitir limitações.

— Falámos que chegue — rosnou o Capitão. — Agora, agimos. — O nosso comandante era difícil de perceber, mas, naquele momento, estava transparente. A raiva e a frustração perante uma situação impossível tinham-se fixado no forvalaka.

O Tambor e o Zanolho protestaram veementemente.

— Pensam nisto desde que descobriram que aquela coisa estava solta — disse o Capitão. — Decidiram o que fariam se fosse preciso. Façamo-lo.

Outro grito.

— A Torre do Papel estará transformada num matadouro — murmurei. — A criatura caça todos os que lá estão.

Por um momento, pensei que até o Silencioso protestaria.

O Capitão armou-se.

— Fósforo, reúne os homens. Selem todas as entradas da Torre do Papel. Elmo, escolhe uns bons alabardeiros e besteiros. Com virotes envenenados.

Passaram vinte minutos. Perdi a conta aos gritos. Perdi a conta a tudo além da trepidação crescente e das perguntas. Porque invadiu o forvalaka o Bastião? Porque persistia na sua caçada? Era movido por mais do que fome.

O legado insinuara ter um uso para ele. Qual era? Aquilo? Porque colaborávamos com alguém que fazia semelhante coisa?

Os quatro feiticeiros uniram esforços no feitiço que nos precedia, crepitando. O próprio ar projetava faíscas azuis. Os alabardeiros avançavam em seguida. Tinham os besteiros à retaguarda. Atrás deles, outra dúzia dos nossos entrou nos aposentos do Síndico.